



**PELA SEGUNDA VEZ** na quarentena, trabalhadores terceirizados da UFRJ recebem cestas básicas doadas pela AdUFRJ  
**Página 6**

## SINDICATOS LUTAM CONTRA CORTE DE INSALUBRIDADE

Página 3

#OrgulhoDeSerUFRJ



### APESAR DE VOCÊ

# UNIVERSIDADE COMBATE PANDEMIA COM CIÊNCIA E SOLIDARIEDADE

Na semana em que a desastrosa gestão Weintraub completa um ano, a comunidade acadêmica da UFRJ mostra que a inépcia do Ministro da Educação não contaminou a universidade. Muito pelo contrário. Durante a pandemia, a UFRJ mostra que ciência e compromisso social podem e devem andar juntos. Em duas semanas, já foram arrecadados mais de um R\$ 1 milhão em doações para os hospitais universitários. Os laboratórios entraram em ritmo industrial para produzir álcool, máscaras e ventiladores. A AdUFRJ também está engajada nessa potente corrente que une ciência e solidariedade e doou recursos e cestas básicas para trabalhadores terceirizados e profissionais da saúde. “Nunca vi uma rede de solidariedade tão forte para salvar vidas”, emociona-se a decana do CCMN, Cássia Turci.

Páginas: 4, 5 e 6

DIVULGAÇÃO



TREINO NO LABORATÓRIO de Enfermagem do HU para tratar pacientes com a Covid-19

FERNANDO SOUZA



TERCEIRIZADOS RECEBERAM 50 cestas básicas doadas pela AdUFRJ



## EDITORIAL

## ORGULHO DE SER UFRJ

## DIRETORIA

Sobrevivemos. E nos tornamos maiores e mais fortes a cada dia! É assim que estamos após enfrentarmos durante um ano o escárnio e a mesquinha do pior ministro da Educação da história do Brasil! A urgência do combate à pandemia da Covid-19 colocou muitas coisas no seu devido lugar. As universidades e as instituições de pesquisa, todas públicas, estão desempenhando um papel crucial, de vanguarda, na investigação e controle da epidemia. A atuação do ministro da Saúde demonstrou que não se trata de uma batalha deste ou daquele partido. O que precisamos é de dirigentes que entendam minimamente qual é o seu papel. E o atual ministro da Educação não consegue ir além do que um bobo da corte, sem talento e desprezível.

Mas ainda há muito a caminhar. O governo mantém sua obsessão por mandar a fatura para os assalariados, retarda o pagamento da renda básica emergencial, desorganiza e impõe retrocessos na estratégia até aqui vitoriosa da quarentena. Reconhecido mundialmente por sua atuação criminoso, o presidente da República não dá sinais de que estaria disposto a conduzir esse processo conforme seria de se esperar de alguém que foi eleito para o mais alto cargo da nação. Seguindo seu péssimo exemplo, alguns governadores tubeiam, prefeitos recuam, e o próprio ministro da Saúde, apesar de ter um desempenho responsável, também relativiza e acolhe parte das reivindicações do Planalto. As próximas semanas podem ser muito mais difíceis. E o que nos resta a fazer?

Intensificar nossos esforços de solidariedade. Mobilizar ao máximo nossa inteligência. Proteger a vida de nossas instituições. É disso que fala o nosso jornal: de nossas tarefas mais urgentes, da necessidade de refor-

## Mas ainda há muito a caminhar.

O governo mantém sua obsessão por mandar a fatura para os assalariados, retarda o pagamento da renda básica emergencial, desorganiza e impõe retrocessos na estratégia até aqui vitoriosa da quarentena

çarmos os laços que nos unem. A ADUFRJ está atenta a todos os movimentos e sinais de vitalidade institucional. E dentro de nossas possibilidades, faremos de tudo para preservá-los e fortalecê-los. O Conselho de Representantes tem sido um espaço importante, reunindo docentes de toda a universidade, debatendo os temas mais candentes e buscando construir ações articuladas, dialogando sempre, ouvindo bastante. Estiveram conosco Carlos Frederico, Vice-reitor, Denise Pires, Reitora, Ivana Bentes, Pró-reitora de Extensão, que por horas conversaram conosco sobre as dificuldades que enfrentamos e como podemos caminhar juntos. Na reunião do dia 6, por unanimidade, reafirmamos a necessidade de garantir o funcionamento dos órgãos colegiados nas diversas instâncias da universidade. Talvez não seja nem adequado ou possível garantir a tramitação de todos os processos. Há debates que merecem um exame mais detalhado ou dependem de vários aspectos que a atividade remota não dá conta. Entretanto, há muitas deliberações que afetam nossas vidas e não podem esperar. As progressões e promoções docentes são um exemplo fundamental, mas não só elas. A UFRJ está viva, mobilizada e atuante, e é isso que importa.

Na próxima reunião do CR, a conselheira Esther Dweck, do Instituto de Economia, irá nos ajudar a aprofundar o debate que já iniciamos na edição anterior do nosso jornal: não há dilema entre proteger a vida ou a economia. A única saída é uma política econômica comprometida com a preservação da vida e a promoção da saúde. Essa é a resposta, essa é a cura para nossa centenária e patológica desigualdade social. Precisamos agora discutir como fazer, nesse cenário, para enfrentar esse desafio. E a universidade pública, a despeito de tudo que sofreu no último ano, se levanta como força decisiva nesse processo. E é por isso que em todas as páginas reafirmamos: #OrgulhoDeSerUFRJ!



REPRODUÇÃO

## IMAGEM DA SEMANA

## DIA DO FICO: MANDETTA GANHA QUEDA DE BRAÇO COM BOLSONARO E SEGUE NA SAÚDE

■ Depois de uma segunda-feira tensa com informações sobre a demissão do ministro da Saúde, o presidente da República cedeu à pressão do Congresso e dos ministros militares: manteve Luiz Henrique Mandetta e sofreu mais um forte desgaste. O ministro, filiado ao DEM, saiu fortalecido e desponha com alternativa política para os setores conservadores. Médico de formação, ele afirmou que não vai "abandonar o paciente" e que suas ações vão se basear na ciência. A fala vai ao encontro da carta enviada, dia 7, por entidades científicas e da sociedade civil, como SBPC e ABI, aos presidentes dos três Poderes. No texto, as instituições pedem que o enfrentamento à pandemia seja guiado pela ciência.

## Sindicatos rejeitam corte de adicional de insalubridade

>AdUFRJ e Sintufrj se reúnem com reitoria para discutir ameaça de retirada de percentual e mostram que técnicos e docentes sofrem efeitos de atividades insalubres mesmo na quarentena

SILVANA SÁ  
silvana@adufjr.org.br

Deputados federais discutem o aumento do percentual de insalubridade para os servidores que atuam atendendo pacientes com Covid-19. O PL 774/20 estende o percentual de 40% de insalubridade - máximo previsto - para profissionais da saúde da União, estados e municípios. O projeto é do deputado federal José Ricardo (PT-AM). No último dia 7, foi requerida a tramitação em regime de urgência.

Apesar da movimentação do Congresso, a Instrução Normativa nº 28, do Ministério da Economia, editada dia 25 de março, orienta o corte dos adicionais ocupacionais e auxílio-transporte nos contracheques dos servidores que estão trabalhando remotamente durante a pandemia. Para discutir o assunto, as diretorias da AdUFRJ e do Sintufrj se reuniram com suas assessorias jurídicas e a administração central da universidade. O encontro foi realizado por videoconferência, na quinta-feira (2).

A preocupação dos sindicatos e da reitoria é, principalmente, com o corte dos adicionais de insalubridade e periculosidade. Diretora do Sintufrj, a enfermeira Gerly Miceli lembrou que os efeitos dos materiais insalubres continuam mesmo sem que a pessoa esteja exposta. "Trata-se de uma indenização por anos de trabalho e exposição a substâncias tóxicas. Os efeitos se acumulam no organismo e



DIVULGAÇÃO

permanecem", disse.

A reitora Denise Pires de Carvalho acrescentou que a universidade só suspendeu as atividades acadêmicas. E optou por teletrabalho apenas para setores administrativos. "Atividades de pesquisa e assistenciais, nos hospitais, não pararam. Ao contrário. Estamos trabalhando como nunca, nesta pandemia. E é justamente onde se concentra o maior conjunto de profissionais que fazem jus à insalubridade", justificou.

Na terça-feira, dia 7, o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Gestão de Pessoas das instituições federais de ensino superior (Forgep) solicitou ao Ministério da Economia a revogação do artigo que suspende o pagamento

dos adicionais ocupacionais. O Forgep argumenta que a legislação prevê a manutenção dos valores mesmo quando os servidores estão ausentes de suas atividades presenciais. E cita situações como férias ou licença para tratamento da própria saúde. Os pró-reitores de Pessoal equiparam o contexto da pandemia com este segundo cenário. "O servidor em trabalho remoto ou afastado de suas atividades presenciais está em isolamento, compulsoriamente, em virtude de preservar a sua saúde", diz um trecho do ofício do Forgep.

Para os sindicatos, a medida é injusta, pois penaliza os trabalhadores num momento de crise global. Além de não se justificar, já que a maior parte

dos profissionais que fazem jus ao benefício está trabalhando presencialmente. "Sabemos que não há um impacto financeiro que justifique esta ação. É mais um ataque aos servidores. Nossa intenção é construirmos um mecanismo de defesa coletiva", afirmou Neuza Luzia, coordenadora-geral do Sintufrj.

De acordo com o texto, servidores afastados do trabalho presencial terão suspensos: horas extras, auxílio-transporte, adicionais de insalubridade e periculosidade, gratificação por atividades com raios-x ou substâncias radioativas e adicional de irradiação. Também suspende o adicional-noturno, exceto para aqueles que comprovarem a prestação do serviço noturno

No momento, a PR-4 centraliza as informações sobre quem está em trabalho presencial e em teletrabalho. As unidades devem enviar para a pró-reitoria essas informações. A pró-reitora de Pessoal, Luzia Araújo, não descarta que possa haver um corte de maneira centralizada e linear, em Brasília. Mas crê que o tempo seja muito curto para o governo realizar esta operação antes do fechamento da folha de abril.

As assessorias jurídicas resolveram aguardar o espelho dos contracheques, que devem estar disponíveis a partir do próximo dia 12, para decidirem quais estratégias serão tomadas para garantir a manutenção dos benefícios aos servidores.

## UFRJ VAI CONTRATAR 300 TERCEIRIZADOS EMERGENCIAIS

■ Na última semana, a UFRJ conquistou repasse de R\$ 85 milhões do Executivo para ações ligadas ao combate do coronavírus. A instituição agora corre contra o tempo e as dificuldades do mercado de produtos de saúde para gastar o dinheiro e salvar vidas. Os recursos serão aplicados na compra de insumos, equipamentos, reformas nos hospitais e contratação de pessoal. Estão sendo empanhados R\$ 17 milhões na compra de equipamentos de proteção individual e insumos. A administração central estuda contratar inicialmente 300 profissionais da área da saúde, de forma emergencial, para a operação dos novos leitos que a universidade vai disponibilizar para o tratamento da Covid-19. Outra razão

para a iniciativa é a substituição dos profissionais de saúde contaminados durante a pandemia. Como o governo ainda não liberou verba para pessoal, a solução deve ser a terceirização por três meses, período que poderá ser prorrogado. "Será com verba de custeio. Precisamos de gente para abrir os leitos", explica o pró-reitor de Planejamento e Finanças, professor Eduardo Raupp. O dinheiro para combater o coronavírus, explica o dirigente, veio de três fontes: são R\$ 20,7 milhões do MEC; R\$ 43,4 milhões via Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (mesmo não sendo gerida pela Ebserh, a UFRJ recebeu recursos pela empresa); e R\$ 21,3 milhões de uma emenda da bancada federal do Rio de Janeiro.

Todas as emendas parlamentares, explica o pró-reitor, foram direcionadas para ações do Ministério da Saúde contra a pandemia. Muitas universidades perderam dinheiro. A UFRJ foi beneficiada por já contar com uma emenda voltada para o Complexo Hospitalar. Do total, R\$ 56,7 milhões devem ser aplicados em investimento, principalmente em equipamentos para o atendimento hospitalar, como respiradores. Raupp também destaca a compra de uma máquina (por R\$ 380 mil) que vai ampliar a capacidade de testes de detecção do coronavírus do Laboratório de Virologia Molecular, ligado ao Instituto de Biologia. O grande desafio é fazer o levantamento do que é necessário

e comprar rapidamente. E isso tudo concorrendo com as compras do próprio Ministério da Saúde. O MEC não acatou uma proposta das universidades para centralizar a negociação com as empresas. "Isso gera uma fragmentação. Aquilo que os EUA estão fazendo com o resto do mundo, estamos vivendo em relação ao governo. As empresas preferem vender grandes quantidades para o governo do que quantidades menores para nós", afirma o pró-reitor. "Temos orçamento, mas teremos a quantidade de que precisamos e no tempo que precisamos?", questiona. Uma alternativa construída com outras 46 universidades é a compra conjunta em uma espécie de consórcio liderado pela Unifesp,

com a atuação de 23 servidores de várias instituições. "Além das nossas compras diretas, vamos participar desta, pra ampliar nosso poder de barganha e acelerar essas compras", diz Raupp.

## ORÇAMENTO REGULAR

Uma boa notícia é que parte do orçamento da UFRJ, cerca de 70%, foi liberada. O restante ainda depende de crédito suplementar. A situação vai permitir à universidade fazer os pagamentos das faturas dos maiores contratos, de limpeza e segurança, até junho. E até maio, dos demais. "Com isso asseguramos os serviços da universidade, evitamos demissões de terceirizados e podemos focar em salvar vidas", observa Raupp. (Kelvin Melo)



# CIÊNCIA COM SOLIDARIEDADE

ELISA MONTEIRO, LUCAS ABREU E SILVANA SÁ  
comunica@adufjr.org.br

## ◀ DE TODOS PARA A UFRJ

As redes de solidariedade para ajudar a UFRJ a combater o coronavírus já formam uma imensa teia que une desde o árduo trabalho de voluntários produtores de álcool até doações financeiras generosas para o Complexo Hospitalar.

Na semana passada, a universidade mostrou fôlego na corrida contra o tempo para preparar os nove hospitais do Complexo para receber o público no pico de internações. Em menos de dez dias, o Fundo de Apoio aos hospitais da UFRJ arrecadou cerca de R\$ 700 mil, com mais de 800 doadores.

“Os valores variam de R\$ 20 até R\$ 25 mil por pessoa”, relata Fernando Pezegrino, diretor da Coppetec, fundação responsável por administrar o Fundo de Apoio aos hospitais da UFRJ. “A maioria das doações é de pessoas físicas”.

Há também gestos solidários de grandes empresas. Na sexta-feira, 3, o Burger King assinou termo de doação de 6.900 aventais de isolamento para equipes médicas dos hospitais da UFRJ. O equivalente a R\$ 200 mil.

A Petrobras é outra parceira de peso. “A estatal está fazendo o possível para nos ajudar com equipamentos, mas estão encontrando as mesmas dificuldades que nós

para importações nesse momento”, relata Ariane Magalhães, chefe das licitações e contratos do HU. Outra dificuldade é oportunismo, traduzido numa escalada de preços no mercado. “Máscaras que eram vendidas a R\$ 2 estão custando R\$ 30, R\$ 40 hoje”, acrescenta a técnica do HU.

### LEITOS DE UTI

O Hospital Clementino Fraga é a principal unidade atendida pelas doações. “O básico são as camas, monitores e respiradores. Mas são igualmente relevantes os ultrassons e aparelhos de raio-X móvel digital”, diz Renan Lombardo, chefe da Engenharia do HU. Até o momento, o Instituto da Criança foi o principal parceiro da causa, doando 27 monitores. A iniciativa tem como objetivo ativar 60 leitos de terapia intensiva em dois pavimentos do HU.

O diretor geral do hospital universitário reforça a importância dos gestos solidários para enfrentar a Covid-19. “As doações são fundamentais neste momento de subfinanciamento dos Hospitais em meio ao cenário de pandemia”, destaca o professor Marcos Freire. “Sem elas, não conseguiríamos nos preparar para a demanda de pacientes que vai chegar nos próximos 15 dias”.

Outra frente de arrecadação para a UFRJ está centralizada na Fundação

Universitária José Bonifácio (FUJB). A doação tem dupla linha de ação: o atendimento ao público nos HUs do Complexo Hospitalar e o diagnóstico, realizado pelo Laboratório de Virologia Molecular, do Instituto de Biologia. “São duas contas bancárias. Uma, para o fundo dos hospitais universitários, atenderá desde equipamentos até kits de higiene. E outra, para o laboratório”, explica a professora Helena Ibiapina, superintendente da fundação. “A meta é realizarmos 55 mil testes em 90 dias”.

### ÁLCOOL

Três grandes laboratórios acadêmicos da UFRJ estão trabalhando em ritmo industrial para produzir álcool e reforçar a higienização dos hospitais universitários e alojamento estudantil.

A produção é realizada três vezes na semana, por equipes voluntárias de até quinze pessoas em cada local. Estão envolvidos: a Escola de Química, o Instituto de Química, a Faculdade de Farmácia e a Coppe. “Estamos trabalhando para atender a previsão de pico de demanda no HUCFF”, explica a professora Cássia Turci, que coordena a iniciativa.

Segundo a decana do CCMN, quase trinta unidades da universidade doaram insumos para o projeto. É o caso do Museu Nacional, que desti-

nou 700 litros de álcool utilizados nos laboratórios do Departamento de Vertebrados e pela equipe de Resgate de Acervos. E outras vinte empresas, como a Ambev, Petrobras e Coca-Cola, contribuíram com materiais diversos desde etanol até tintas ou garrafas PET. “Eu nunca vi uma rede de solidariedade tão forte para salvar vidas. Mesmo com as notícias ruins, não podemos perder esse foco”, diz a docente.

### TESTES E RESPIRADORES

As doações e os esforços de servidores e voluntários para ajudar a UFRJ são reforçados pela ciência solidária praticada na maior federal do país. Dois exemplos vêm da Coppe. A professora Leda Castilho, coordenadora do Laboratório de Engenharia de Cultivos Celulares, desenvolve um teste sorológico para detectar a infecção do coronavírus de forma mais simples e barata que o teste genético (PCR). Já o professor Jurandir Nadal chefiava um estudo do Laboratório de Engenharia Pulmonar e Cardiovascular para criar um protótipo de ventilador pulmonar mecânico. O equipamento, essencial para o tratamento dos casos mais graves da Covid-19, poderia ser fabricado rapidamente e com valores mais em conta que o do modelo utilizado no mercado.



FOTOS: DIVULGAÇÃO



PRODUÇÃO DE ÁLCOOL Iniciativa mobiliza três laboratórios que estão operando em ritmo industrial para abastecer hospitais

ajudar terceirizados e alunos mais vulneráveis.

Toda essa rede inspira também ações de anônimos e lideranças comunitárias em toda a cidade. Nas favelas vizinhas ao Fundão, há desde campanhas de comunicação para conscientizar os moradores, até arrecadação de dinheiro e alimentos para quem está sem poder trabalhar. “Eu nunca vi uma rede de solidariedade tão forte para salvar vidas”, emociona-se a decana do CCMN, Cássia Turci. “Mesmo com as notícias ruins, não podemos perder esse foco”, ogulha-se a professora, que coordena as doações de matérias-primas e a produção de álcool para as unidades de saúde.



FOTOS: DIVULGAÇÃO/VOZ DAS COMUNIDADES



COMPLEXO DO ALEMÃO Voluntários participam de ações para informar a comunidade e distribuir cestas básicas aos mais vulneráveis

A pandemia despertou a solidariedade em pessoas físicas e jurídicas. São ações — quase sempre anônimas — para criar mais leitos em unidades de saúde, aumentar a capacidade de testes de detecção da doença, sustentar pesquisas, ou mesmo para fazer

a meta já estava praticamente batida, com R\$ 4,9 milhões recebidos.

“Além do dinheiro, também recebemos materiais doados por empresas, especialmente equipamentos de proteção individual”, contou o vice-reitor da Uerj, Mário Sérgio Carneiro. “Se ultrapassarmos a meta estabelecida, a direção do hospital vai dizer quais são as prioridades e como será investido esse dinheiro. Podemos até imaginar um cenário onde a maior parte dos 500 leitos do Hupe seja convertida para unidades de UTI”.

Professora da área de saúde, Carneiro destacou a importância das instituições de ensino durante a pandemia. “As universidades públicas estão passando por um período muito difícil, mas seus servidores sabem a importância que é atender à sociedade em uma hora como essa”.

A Fundação Oswaldo Cruz também criou a campanha “Unidos contra a Covid-19”, que pretende levantar fundos para expandir sua atuação. São seis metas: aumento da produção de teste; construção de unidade hospitalar de montagem rápida, com 200 leitos de tratamento intensivo e semi-intensivo; pesquisa de medicamentos; capacitação dos laboratórios; campanhas de prevenção nas comunidades vi-

chegar comida à mesa de quem mais precisa. A Uerj começou no último dia 28 uma campanha para arrecadar R\$ 5 milhões para converter 50 leitos do Hospital Universitário Pedro Ernesto em unidades de UTI capazes de receber pacientes com Covid-19. Na última prestação de contas, feita no fim da semana passada,

zinhas à Fiocruz e campanhas de orientação ao público.

Mas não precisa ser um centro de excelência em saúde pública para começar uma campanha e ajudar as pessoas. A ONG Redes da Maré criou a “Maré diz não ao coronavírus”, mobilização que combina assistência com serviços de informação sobre a pandemia. Os organizadores pretendem distribuir seis mil cestas básicas e kits de higiene por pelo menos três meses, além de produzir e entregar 200 refeições por dia para pessoas em situação de rua em pontos ocupados por usuários de crack.

As mulheres que estão preparando essas refeições são da comunidade, foram impactadas pela diminuição da atividade econômica e irão receber uma ajuda de custo da ONG. “A vulnerabilidade das favelas e periferias é histórica, fruto da negação de direitos básicos a estes territórios, o que faz com que a situação fique mais crítica em momentos como este”, explicou Eliana Sousa Silva, professora aposentada da UFRJ, diretora da Redes da Maré e responsável pela coordenação da campanha. “Nas favelas, as pessoas moram em espaços pequenos, sem ventilação, há falta de água, de saneamento e coleta de lixo”, relatou.

A solidariedade dita historicamente as normas

de convivência na Maré: compartilha-se o café, o açúcar e a água. A água, aliás, é uma das principais armas no combate à pandemia. “Uma das mensagens do nosso carro de som é: ‘Se você não tem água, peça a um vizinho. E se você, vizinho, sabe que há pessoas por perto sem água, compartilhe sua água. Vamos salvar vidas’”, conta a jornalista Gizele Martins, liderança comunitária da região.

Gizele articulou um grupo de voluntários para fazer campanhas de comunicação para tirar dúvidas dos moradores sobre a Covid-19 e conscientizar sobre a importância do isolamento social. “Agora entramos numa nova fase. Além de ampliar a campanha de conscientização, parte das doações também será destinada a cestas básicas para as famílias mais vulneráveis da favela”, afirma a ativista.

No mesmo sentido, mas em outro complexo de favelas, a ONG Voz das Comunidades criou a campanha “Pandemia com empatia”, que pretende distribuir cinco mil cestas básicas para famílias, sobretudo as mais vulneráveis, do Complexo do Alemão. “Nesse período, estamos focados na pandemia e a meta é ajudar o máximo de famílias do Complexo do Alemão”, explicou Rene Silva, presidente da ONG.

## ▶ AJUDE QUEM AJUDA

### ▶ COPPETEC

As doações estão estritamente vinculadas aos itens listados na página eletrônica da campanha de arrecadação (<https://bit.ly/2UNfScV>), que também mostra a execução das despesas. A lista contempla equipamentos leves de proteção individual como máscaras, óculos, toucas e macacões. Qualquer pessoa física ou jurídica pode doar recursos e receberá um termo de doação comprovante, assim como um recibo da Fundação. Nele, o doador poderá escolher se quer ficar anônimo ou não.

### ▶ FUJB

A Fundação Universitária José Bonifácio apoia o atendimento dos hospitais universitários e o diagnóstico de pacientes com Covid-19, realizado pelo Laboratório de Virologia Molecular. O fundo dos hospitais “vai prover desde equipamentos até kits de higiene”, explica a professora Helena Ibiapina, superintendente da FUJB. O do laboratório quer garantir a realização de 55 mil testes em 90 dias. Os dados da campanha estão do site [www.fujb.ufrj.br/](http://www.fujb.ufrj.br/).

### ▶ ESCOLA DE MÚSICA DA UFRJ

Professores, técnicos e alunos da Escola de Música realizam campanha para doação de cestas básicas e de material de higiene para alunos em grave situação de vulnerabilidade social, em função da quarentena. A AdUFRJ é uma das apoiadoras da iniciativa. O Centro Acadêmico organiza a distribuição do material. “Até o momento, estamos dando suporte a 13 estudantes”, conta Paulo Ribeiro, do CA. As doações, via internet, podem ser feitas pelo endereço: <http://vaka.me/976863>.

### ▶ FIOCRUZ

A Fundação Oswaldo Cruz criou a campanha “Unidos contra a Covid-19” para permitir: aumento da produção de testes; construção de uma unidade hospitalar, com 200 leitos de tratamento intensivo e semi-intensivo; pesquisa de medicamentos; capacitação dos laboratórios públicos para diagnosticar a doença; campanhas de prevenção da doença nas comunidades vizinhas à Fiocruz e de orientação ao público com informações confiáveis. Para doar: <https://bit.ly/2Xk8G9Y>

### ▶ REDES DA MARÉ

A ONG Redes da Maré criou a campanha “Maré diz não ao coronavírus”, mobilização que combina assistência com serviços de informação sobre a pandemia. Os organizadores pretendem distribuir 6 mil cestas básicas e kits de higiene por pelo menos três meses, além de produzir e entregar 200 refeições por dia para pessoas em situação de rua. Mais informações sobre a campanha e os dados bancários para as doações estão disponíveis em: <https://bit.ly/2JOAyeb>.

### ▶ COMPLEXO DO ALEMÃO

A ONG Voz das Comunidades criou a campanha “Pandemia com empatia” para distribuir 5 mil cestas básicas para famílias vulneráveis do Complexo do Alemão. Também divulga mensagens para o compartilhamento de água entre vizinhos. “A meta é ajudar o máximo possível de famílias”, explica Rene Silva, presidente da ONG. Os dados bancários da campanha são: Caixa Econômica Federal, Agência 0198, C/C 3021-2, operação 03, ONG Voz das Comunidades, CNPJ 21.317.767/0001-19.

## DE TODOS PARA TODOS ▶



# AdUFRJ NA QUARENTENA

## TERCEIRIZADOS

### ELES SÃO O ELO MAIS FRÁGIL DA CORRENTE

SILVANA SÁ  
silvana@adufjr.org.br

O grupo mais vulnerável da UFRJ nesta pandemia é o de trabalhadores terceirizados. Eles respondem por todo o serviço de limpeza, manutenção dos campi e segurança patrimonial na universidade e garantem, ao fim, as atividades de ensino, pesquisa, extensão e assistência. Parte desses profissionais está com salários atrasados ou foi demitida por conta da quarentena. Por isso, não conseguem garantir o básico para suas famílias: alimento. Sensibilizada com a situação, a diretoria da AdUFRJ resolveu doar 80 cestas básicas. As 30 primeiras foram distribuídas na semana passada. Outras 50 foram entregues na terça-feira (7). A Associação de Trabalhadores Terceirizados da UFRJ (Attufjr) é a responsável pela distribuição. Além dos funcionários de limpeza que estão com vencimentos e benefícios atrasados, a Attufjr incluiu no grupo profissionais que atuavam nos bandejões da universidade e que foram demitidos após a proibição do funcionamento de restaurantes em

todo o Rio de Janeiro.

“Sem dúvidas é um alívio. Nessas contas estão atrasadas, mas, pelo menos, a gente vai ter comida na mesa”, diz uma funcionária da limpeza que prefere não ter o nome revelado por medo de retaliações.

Os profissionais reconhecem o esforço da administração central em solucionar o problema dos pagamentos, mas acreditam que as ações ainda são insuficientes dada a urgência da situação. “É muito injusto você trabalhar e não receber o fruto do seu suor. O trabalho é pesado e não somos respeitados”, desabafa.

Depois de recorrentes atrasos nos pagamentos aos trabalhadores e de fornecer equipamentos de proteção individual e materiais de limpeza de baixa qualidade, a ProServiços – empresa de limpeza que atuava no CCMN e no Ladetec – teve seu contrato rescindido pela UFRJ. O processo de contratação da nova empresa está em curso, mas ainda não foi concluído.

Diante do desfecho, a preocupação sobre como será daqui para frente é inevitável. A maior parte desses profissionais não tem casa própria. O despejo é um fantasma constante. “A imensa maioria mora de alu-



FOTOS: FERNANDO SOUZA



TERCEIRIZADOS receberam 50 cestas básicas doadas pela AdUFRJ, dia 7

guel. Com a troca da empresa, não sabemos qual vai assumir, mas as escalas de limpeza continuam funcionando. Muitos estão vindo pagando a passagem do próprio bolso, pedindo emprestado até para vizinhos, na esperança de serem aprovei-

tados”, disse outro profissional em anonimato.

Além das cestas, uma vaquinha acontece para destinar os recursos também à compra de mantimentos para os terceirizados. O funcionário Robson de Carvalho é diretor da Attufjr e

disponibilizou sua conta para a arrecadação dos fundos. Até o momento, foram doados R\$ 2 mil. Quem quiser ajudar, pode fazer uma transferência ou depósito para: Banco do Brasil, AG 1517-2, conta poupança 22784-6, variação 51.

## CONSELHO DE REPRESENTANTES

### IVANA BENTES DEBATE EXTENSÃO NA PANDEMIA

KELVIN MELO  
kelvin@adufjr.org.br

“Fico imaginando que um Paulo Freire faria, hoje, coisas incríveis com essas tecnologias”, disse a pró-reitora de Extensão, professora Ivana Bentes, ao Conselho de Representantes da AdUFRJ. A dirigente foi a convidada especial do encontro virtual realizado no dia 6 e prestou esclarecimentos sobre as ações não presenciais da área em tempos de pandemia.

A professora fez questão de separar as atividades virtuais realizadas pela UFRJ de qualquer tentativa de imposição do Ministério da Educação a professores e alunos em relação ao EAD. Deixou claro que ninguém é obrigado a manter ações de extensão neste período, mas que também era necessário dar resposta a novas propostas, muitas criadas em função da própria pandemia. “Não vamos fazer essa discussão do ponto de vista do MEC, de escólo virtual. Os nossos valores são os da universidade pública. Vamos avançar”, disse.

Todas as novas ações, após aprovações dos diretores/coordenadores de extensão das unidades devem passar pelo crivo das congregações em sessão virtual. Em caso de excepcionalidade, poderá haver a aprovação “ad referendum” das direções de unidades.

Além disso, a professora informou que a universidade já contava com 23 cursos de ensino a distância programados para este ano, como o de formação conti-

nuada de servidores públicos. O programa ofereceu mais de sete mil vagas nos últimos três anos.

#### DEBATE

A apresentação dividiu opiniões. O professor Herli Menezes, da Faculdade de Educação, argumentou que discutir ensino a distância não é o melhor a se fazer em um momento de exceção. Chamou atenção para as imensas desigualdades brasileiras e seu reflexo nas condições de acesso às novas tecnologias: “Temos alunos que não têm smartphone com banda suficiente para dar suporte a essas atividades. Temos de tratar a questão politicamente”, disse.

Já o professor João de Mello Neto, do Instituto de Física, observou que o contato com os alunos e com a sociedade é “fundamental”. E mostrou apoio às atividades virtuais que os colegas têm condições de levar adiante, com a concordância dos alunos. “Nós vamos aprender a fazer várias coisas que não sabíamos. É muito melhor que o imobilismo”, afirmou.

“A reunião do Conselho foi muito esclarecedora. A professora Ivana Bentes deu um bom panorama da Extensão na UFRJ em tempos de Covid-19”, avaliou o professor Felipe Rosa, diretor da AdUFRJ. Para ele, o debate com posições consideravelmente divergentes sobre o tema foi positivo: “É ótimo porque mostra que, num tema complexo como o EAD e o uso das plataformas digitais, o

debate está vivo. Algo essencial para a universidade, mesmo em tempos de pandemia”.

Presidente da AdUFRJ, a professora Eleonora Ziller observou que no caso das universidades, a única posição a esse respeito é garantir a autonomia universitária. “Temos que nos contrapor a qualquer tentativa de imposição do governo em relação ao EAD, mas também precisamos ser coerentes e não querer proibir outros tipos de atividade remota que venham a ser desenvolvidas na universidade”. E elogiou a apresentação da pró-reitora: “Esse é o momento de uma extensão atuar. Como vamos construir, num momento como esse, as tão necessárias vias de mão dupla com a sociedade?”, questionou.

#### ENCAMINHAMENTOS

O Conselho referendou a nota do Colégio de Aplicação, crítico à decisão do MEC de manter o calendário do Enem deste ano. Também decidiu fazer uma nova solicitação de pleno funcionamento dos colegiados — de forma virtual — para o andamento dos processos de progressão e de estágio probatório. Neste sentido, foi solicitado aos conselheiros da AdUFRJ que informem como está a situação destas instâncias em suas respectivas unidades. O próximo CR está marcado para segunda-feira, dia 13. Será feito convite à professora Esther Dweck, do Instituto de Economia, para uma exposição sobre as medidas em curso no país.



ISABEL VAN DER LEY LIMA  
Professora do Colégio de Aplicação da UFRJ



SILVANA SÁ  
silvana@adufjr.org.br

O “Pílulas antimotonia” contou com a participação da professora Isabel Van Der Ley Lima, do Colégio de Aplicação. A docente falou sobre a pressão de muitas escolas e famílias para que os professores da educação básica transformem seus conteúdos presenciais em ensino a distância. A seguir, destacamos trechos do depoimento. A íntegra você encontra na TV AdUFRJ, no Youtube.

### ‘É IMPORTANTE FAZERMOS UMA REFLEXÃO: NENHUM DE NÓS SE PREPAROU PARA ESTAR EM ISOLAMENTO’

**EMBORA AS CRIANÇAS E OS ADOLESCENTES**, estatisticamente, não sejam o principal grupo de risco da Covid-19, elas podem acabar sendo vetores do vírus para pessoas que façam parte desse grupo de risco. Então, a suspensão de aulas é uma medida muito importante neste momento.

**MAS, À MEDIDA QUE O TEMPO PASSA, ALGUMAS FAMÍLIAS** e estudantes vão ficando ansiosos. Há preocupação sobre quando as aulas vão voltar e sobre uma possível perda de conteúdos.

**É IMPORTANTE FAZERMOS UMA REFLEXÃO:** nenhum de nós se preparou para estar em isolamento. Muitos professores da educação básica tem sido pressionados a produzir materiais, mesmo sem recursos. Além disso, os estudantes não têm igualdade de acesso a recursos para estudar em casa, como espaço, computador e internet. As aulas vão ser retomadas futuramente. E, com certeza, as escolas vão repensar suas estratégias de ensino-aprendizagem para além do calendário acadêmico.

**O MUNDO JÁ NÃO É MAIS O MESMO.** A principal preocupação neste momento precisa ser: estamos em casa para nossa proteção individual, dos nossos familiares e do coletivo, para que menos pessoas fiquem doentes e os nossos sistemas de saúde possam receber e cuidar de quem realmente precisa.

## SEXTOU

### “TAMO JUNTO” REÚNE PROFESSORES

A AdUFRJ achou na tecnologia um jeito de integrar os professores. Usando o Zoom, o sindicato tem organizado diversas reuniões durante a quarentena, com destaque especial para o “Sextou - Tamo Junto”, um bate-papo entre os professores. Na última edição, na sexta-feira, 3, quem puxou a conversa foi a professora Tatiana Roque, que falou sobre sua participação na articulação da renda básica emergencial.

Ex-presidente da AdUFRJ e hoje coordenadora do Fórum de

Ciência e Cultura, Tatiana, explicou detalhes da mobilização pela aprovação da lei, e respondeu perguntas dos professores.

O “Sextou - Tamo Junto” acontece toda sexta-feira, às 17h30. Para participar envie uma mensagem para o WhatsApp da AdUFRJ - 99365-4514.

A próxima puxadora de conversa, na sexta, 10, será a professora Ligia Bahia, médica especialista em saúde pública, e ex-vice-presidente da AdUFRJ. Participe!

## ENCHENTE

### VILA RESIDENCIAL PEDE SOCORRO

KELVIN MELO  
kelvin@adufjr.org.br

A ressaca que atingiu a orla do Rio de Janeiro no fim de semana causou enormes prejuízos à Vila Residencial, instalada na Cidade Universitária, às margens da Baía de Guanabara. A inundação destruiu móveis e lembranças de família em muitas casas. Pelo menos três pessoas sofreram choques elétricos dentro das residências. Uma moradora chegou a ser internada, mas já recebeu alta. E, enquanto a Vila ainda se recuperava do incidente do fim de semana, uma segunda enchente voltou a afetar algumas casas na quarta-feira (8).

A Vila está habitada a pequenas enchentes e os acessos às moradias já são construídos em uma altura que evite a entrada da água. Mas as casas não estavam preparadas para o que ocor-

reu entre a noite de sábado e a madrugada de domingo. “A água entrou e subiu até a altura do joelho. Foi tudo muito rápido”, conta Sandra Maria Costa, enfermeira aposentada e moradora do local desde 1987. “Perdemos a porta do quarto, a estante já está ‘abrindo’, as camas estão úmidas, minha filha perdeu material de curso...”, completa.

#### DOAÇÕES

Toda ajuda é bem-vinda para dona Sandra e as duas mil famílias da área. A sede da Prefeitura Universitária recebe doações de alimentos, produtos de higiene, roupas, colchões, álcool em gel e itens de utilidade doméstica até 16h. A PU fica na Praça Jorge Machado Moreira, 100. A associação dos moradores (Amavila) também recolhe doativos na rua das Margaridas, s/nº.



FOTOS: REPRODUÇÃO

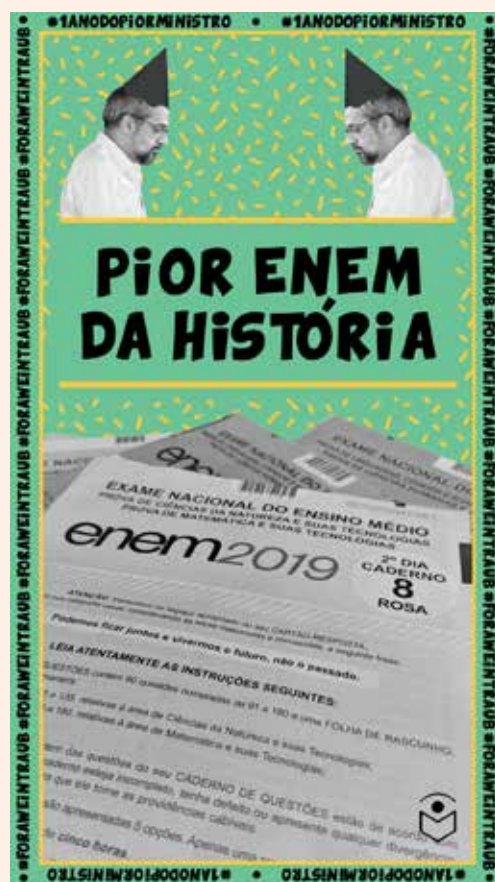
PREFEITURA DA UFRJ recebe doações para ajudar os moradores

Presidente da Amavila, Antônio Avelino tem articulado com a reitoria os próximos passos para a limpeza e recuperação da área e os cuidados com a saúde dos moradores. A Comlurb vai recolher o mobiliário e o lixo

provocado pela enchente. A Defesa Civil prepara uma avaliação de risco da área. Como consequência do incidente, existe a possibilidade de instalação de sirenes para avisar a comunidade em casos semelhantes.

Também já foram feitos contatos entre a Amavila e a área de saúde da UFRJ para prevenção e tratamento de casos de hepatite. “As pessoas tiveram muito contato com a água, que tem esgoto misturado”, diz Antônio.





# #FORAWEINTRAUB #PIORMINISTRO DA HISTÓRIA

Cortes de recursos para universidades, xingamentos às instituições e aos seus pesquisadores, doutrinação nas redes sociais contra o pensamento crítico, constrangimentos diplomáticos, enormes perdas de decoro no twitter... A lista de barbaridades cometidas por Abraham Weintraub é grande desde que assumiu o Ministério da Educação, há um ano. O Observatório do Conhecimento lança campanha de “descomemoração” pelos intermináveis 365 dias do pior ministro da História. Participe!

REDAÇÃO  
comunica@adufRJ.org.br



Ele atacou as universidades, acusou a comunidade acadêmica de produzir “balbúrdia”, espalhou toda sorte de fake news sobre as

ciências sociais e humanas, cortou bolsas, asfixiou orçamento e transformou a gestão da Educação no Brasil numa panaceia de grosserias e deboches. Em 12 meses à frente do Ministério da Educação, Abraham Weintraub é uma vergonha nacional. Para analisar seus intermináveis 365 dias de ministério,



o Observatório do Conhecimento, rede que integra 11 associações de docentes de todo o país, preparou uma campanha de desaniversário com o mote #PiorMinistrodaHistoria.

Os dados confirmam a hashtag. Wein-

traub não apresentou uma proposta para o Fundeb. Foi responsável pela condução do pior Enem da História. Sob a sua gestão, a Capes promoveu o maior corte de bolsas da história. Passa os dias no Twitter, ofendendo opositores, chefes de Estado de outros países e chegou a criar problemas diplomáticos com a China no meio da pandemia do coronavírus.

A campanha do Observatório do Conhecimento foi criada a partir do monitoramento das atividades do Ministério da Educação. São três os principais pontos criticados. Um deles é o estrangulamento do orçamento das universidades federais, que estão sem orçamento para chegar até o fim do ano de 2020.

O segundo é a péssima condução do Enem por parte do MEC. Pelo menos seis mil provas foram corrigidas erradamente sem que o INEP percebesse. O caso só

veio a público depois que centenas de estudantes começaram a questionar o seu resultado. Durante todo o processo, Weintraub fez pouco caso do erro, mas a dimensão do imbróglio – o SISU chegou a ser suspenso por uma decisão judicial liminar – deixou uma aura de incerteza sobre o exame.

A terceira bandeira é o corte de bolsas promovido pelo MEC. Em 2019, a Capes perdeu 7,5 mil bolsas, com impacto especialmente negativo para a região Nordeste. Em 2020, a agência editou portarias consecutivas para mudar o sistema de distribuição dos benefícios, o que levou a mais cortes.

A campanha também vai contar com um tuitaço na quinta-feira, a partir das 14h. Basta procurar pelas hashtags #ForaWeintraub e #PiorMinistrodaHistoria para participar.